

Dólar em alta ameaça queda dos juros e crédito

RITMO MENOR

FREIO NO CRÉDITO

Valorização do dólar pode fazer BC subir juros, dizem analistas

VINICIUS NEIDER

analista econômico

A manutenção da taxa básica de juros (a Selic) pelo Banco Central (BC) em 10,5%, na quarta-feira, a segunda consecutiva, deve produzir um aperto no crédito, num momento em que os empréstimos fecharam o primeiro semestre crescendo quase 10% sobre 2023. A subida de 15% do dólar desde o início do ano, com a moeda chegando a R\$ 5,79 na abertura do mercado ontem, é outro freio no crédito. A cotação fechou em R\$ 5,70, refletindo a alta da taxa de desemprego nos EUA, que pode indicar um corte mais cedo nos juros americanos.

Economistas do Santander e do UBS já começam a ver chance de a Taxa Selic voltar a subir por causa dessa valorização recente da moeda americana. Em relatório, o banco suíço UBS calcula que há 30% de chance de aumento na taxa em setembro. Em entrevista à Bloomberg, o analista do Santander Marco Antonio Caruso disse que, se o câmbio chegar ao patamar entre R\$ 5,75 e R\$ 5,80, o BC seria forçado a subir os juros.

Esse quadro é bem diferente do primeiro semestre, quando o BC ainda estava cortando os juros, que caíram de 13,75% ao ano em agosto de 2023 para 10,5% agora. Paxado pela queda nas taxas aos tomadores finais e por alguma melhoria nos níveis de endividamento, o saldo das operações de crédito teve em junho uma alta de 9,9% em 12 meses, informou o BC semana passada.

Em janeiro, a alta foi de 7,7%, na mesma comparação, sinalizando para uma aceleração do crescimento no primeiro semestre. E foi um dos elementos por trás do avanço da demanda doméstica na primeira metade do ano, especialmente do consumo das famílias.

Quando se considera as concessões de crédito, houve um avanço de 9,3% no acumulado em 12 meses, com alta de 7,3% nas operações das empresas e de 11% das famílias. Considerando apenas o "crédito livre", que não segue condições específicas determinadas em lei, o salto nessa base de comparação até junho ficou em 6,6% para as empresas e 16,5% para as famílias.

Agora, com a perspectiva de que os juros fiquem estáveis neste segundo semestre ou até subam, economistas ouvidos pelo GLOBO esperam um ritmo igual ou mais lento na alta das concessões, o que deve arrefecer a demanda. Esse ritmo mais lento deve contrabalançar o mercado de trabalho, que continua a surpreender positivamente, com geração de empregos e avanço da renda.

VARÉJO MAIS PESSIMISTA
Fábio Bentes, economista sênior da Confederação Nacional do Comércio (CNC), estima que as taxas de juros médias para os tomadores finais até seguirão em queda, mas em ritmo bem inferior ao visto até aqui.

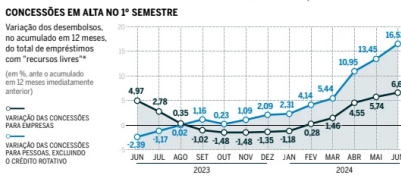
Em junho, a taxa média para as pessoas físicas com recursos livres — usada por economistas como referência para os juros tomados pela maioria das pessoas — ficou em 51,7% ao ano. E muito, mas está abaixo dos 54,2% de dezembro e dos 59,1% de junho de 2023. Para as empresas, a média ficou em 20,9% em junho, ante 22,8% um ano antes.

Bentes estima que ainda haverá alguma queda nessa taxa média para as pessoas físicas até dezembro, para em torno de 49% ao ano: — É um cenário mais positivo? Até é, mas acho que não é suficiente para acelerar as vendas do varejo, não. Diante de um cenário com inflação de alimentos mais alta e juros com uma

A EVOLUÇÃO DOS INDICADORES

10%
Variação dos desembolsos, no acumulado em 12 meses, do total de empréstimos com "recursos livres" em 12 meses (medidamente anterior)

4.10%
é a projeção para o IPCA fechado de 2024, conforme a edição mais recente do Boletim Focus, compilação de estimativas feita pelo BC



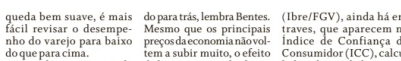
CONCESSÕES EM ALTA NO 1º SEMESTRE

Variação dos desembolsos, no acumulado em 12 meses, do total de empréstimos com "recursos livres" em 12 meses (medidamente anterior)



COMPORTAMENTO DO DÓLAR

Apagão global de tecnologia impulsiona corrida pelo dólar. Governo anuncia congelamento de R\$ 15 bi do Orçamento de 2024. Críticas de Lula ao Banco Central.



JUROS ESTAVAM EM QUEDA ATÉ MEADOS DO ANO

Taxa de juros média ao ano nos empréstimos com "recursos livres" (em % ao ano)



TAXA DE JUROS MÉDIA PARA EMPRESAS

TAXA DE JUROS MÉDIA PARA PESSOAS FÍSICAS



Emprestimista que determinação dos recursos e livre o crédito para as famílias (fontes: Banco Central e cliente).

Fonte: BC e IBE

so também do ICC agregado, que ficou em 92,9 pontos em julho.

— Temos um cenário de situação financeira que é complexo e difícil para os consumidores, com um nível de endividamento muito elevado. Mesmo que ele tenha tido uma queda gradativa, ainda é muito elevado — afirma Anna Carolina. Para ela, a percepção sobre a situação financeira é um dos fatores para o ICC estar estável desde dezembro, quando se esperava uma melhora.

ENDIVIDAMENTO REBAIXADO

Segundo o BC, o endividamento das famílias ficou em 47,5% da renda total do país em junho. Em junho de 2023, era 48,5%. Anna Carolina lembra que o endividamento é afetado pelo fim das quedas nas taxas de juros. Os dados de julho do ICC já mostram algum recuo entre os consumidores de renda mais alta, na intenção de compras de bens duráveis, como carros e eletrodomésticos, mais comprados a prazo. Já na visão de Rubens Sardenberg, economista-chefe da Febraban, entidade que representa os bancos no país, é possível que o ritmo de crescimento do crédito se mantenha até o fim do ano.

Isso porque o pior do endividamento e da inadimplência parece ter ficado para trás, ao mesmo tempo em que o avanço do emprego e da renda sustentam a demanda por empréstimos, mesmo que os juros parem de cair.

— O endividamento deu uma melhora, e há o ciclo de expansão da renda — diz Sardenberg, lembrando que os bancos têm espaço para emprestar mais.

Um ponto positivo no caso do crédito para as empresas, completa o economista, é que o temor de que os problemas das Americanas e da Light (ambas em recuperação judicial) contaminassem o mercado como um todo não se concretizou.

— Os bancos estão em boas condições de ampliar o crédito, diminuíram as provisões (para enfrentar calotes) e têm folga de capital.

Além disso, a ação do governo para a reconstrução do Rio Grande do Sul poderá impulsionar o crédito, lembra o economista Luiz Castelli, também da Febraban.

Colaborou Paulo Renato Nepomuceno

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Economia Pagina: 11